

CHOQUE DE CORES

uma experiência lúdico-visual de Martha Niklaus

Abaixo a mesmice! Viva as cores! – a artista visual Martha Niklaus é veemente ao conclamar os banhistas. A proposição dessa experimentação explodiu em um momento lúdico na praia de Ipanema, no Rio de Janeiro, como performance coletiva integrante do Festival Internacional TRANSPERFORMANCE. Lembrando da frase-ícone de Hélio Oiticica “Experimentar o experimental”, podemos traçar o caminho que levou Martha a esta ação participativa na praia.

A estratégia desenvolvida por Oiticica em 1972, durante sua estada em Nova York, traduz seu conceito de Participação. Ele voltava-se para o exterior (sentido externo da fita de Moebius), numa remis-

são à interlocução com artistas, público e poetas, para a descoberta de um mundo rico em formas e estruturas, nas quais estão incluídos cor, luz, linha, ritmo, tempo e movimento – o mundo da vida.

Indignada com a mudança do colorido da areia da praia, agora uniformizada pela imposição do vermelho para as barracas, a artista resolveu reverter por conta própria esse cenário.

Uma ação da Prefeitura, em virtude de acordos publicitários, mudou de forma gradual e sorrateira o espaço público, com seus códigos particulares. O “choque de ordem” obrigou os barraqueiros que alugam guarda-sóis a trabalhar apenas com a cor



Foto: Francisco Moreira da Costa



Foto: Francisco Moreira da Costa

vermelha. A cidade perdia uma de suas características mais marcantes, o cenário multicolorido de suas praias. Roubava-se um patrimônio de modo abusivo e desleigante.

Martha resolve dar resposta artística para o assalto visual das areias cariocas. Ela recolore a orla e reveste 300 guarda-sóis com tecidos coloridos, num domingo de sol e praia lotada. Em ação única e efêmera, Martha contou com ajuda de assistentes e banhistas para modificar o cenário “monocromizado”. O choque de ordem foi revertido em choque de cores.

As praias são espaços para viver, para experimentar. Com os banhistas, a artista dividia a autoria: o participante é autor da ação. A vivência estética vai além da experiência visual – é um convite ao participante, como se o artista dissesse ao público: Venha! Junte-se a nós nesse momento! Para Martha, é justamente por meio da ação que se operam transformações.

Rompia-se o monopólio do olho na fruição da arte e, com a participação sensorial do espectador, postulou-se uma participação fenomenológica.

1. MERLEAU- PONTY apud BRITO, Ronaldo. Neoconcretismo: vértice e ruptura do projeto construtivo brasileiro. São Paulo: Cosac & Naify, 1999, p.56.

Citando Merleau-Ponty: “É a alma que vê e não o cérebro: é através do mundo percebido e suas estruturas próprias que se pode explicar o valor espacial atribuído, em cada caso particular, a cada ponto do campo visual”.¹

Pensando mais uma vez sob o prisma da fita de Moebius e na torção que ela oferece às questões pertinentes neste trabalho, é a proposta do artista de participação do espectador, que se integra na



Foto: Francisco Moreira da Costa

elaboração, na concretização e, por fim, na experimentação da obra.

Assim como nos anos 70 era impossível aos artistas existir sem resistir, isso é vital também para Martha Niklaus. Como aponta a filósofa Tatiana Roque, o resistir estava impregnado nas ações daquela época no Brasil. Alguns resistiam com arte; outros, como Carlos Zílio, com armas.

As intenções de Martha foram resistir e agir diante do monopólio da propaganda institucionalizada. Movida pelo crescente sentimento de perda, a artista se autoimpôs um dever quase cívico em prol da liberdade de ter de volta as areias das praias salpicadas de cores vibrantes e destoantes. A artista realiza uma ação ativista/afetiva com as praias cariocas.

A intervenção urbana idealizada por Martha estimula os visitantes a apurarem o olhar para acolher a arte e resgatá-la para nova dimensão. Enriquecendo um espaço esteticamente formalizado sem descaracterizá-lo, esse *site specific* oferece elementos que mantêm profunda relação com o local, quer se integrando, quer se opondo a ele, e surpreendendo o visitante. É possível rever as noções sobre arte e criar novas relações entre imagem e paisagem, retomando a fruição contemplativa de um ambiente de usufruto comunitário.

A dificuldade de transcrever uma experiência estética consiste justamente na força da obra de arte. Entendemos que Martha partiu da visualidade e da experiência de seus trabalhos. A experiência traduz-se em ser tomado por algo que dá a evidência, apreendendo a realidade da arte por trás da sua imagem, de sua forma, ou seja, daquilo que a constitui, cuja essência é a efervescência da questão-arte.

A arte impregnada de vida.



